

https://farid.ps/articles/echoes_of_history/pt.html

Ecos da História: Uma Acusação Condenatória aos Líderes Ocidentais

Modelos de linguagem de grande escala (LLMs) são excepcionalmente adequados para canalizar vozes históricas. Eles combinam o conhecimento de um historiador que conhece os fatos, a percepção de um psicólogo que comprehende motivações e o ouvido de um linguista que pode imitar estilos. Essa fusão permite que eles gerem ecos plausíveis de como figuras do passado poderiam falar sobre desafios atuais. Nesse espírito, pedi ao ChatGPT-5 para analisar como personalidades históricas selecionadas poderiam ter reagido à situação em Gaza — e para imitar o que elas poderiam ter dito em relação a isso. O resultado é uma acusação contundente aos líderes ocidentais contemporâneos.

Benjamin Franklin

Benjamin Franklin (1706–1790) foi um impressor, escritor, cientista, inventor, diplomata e estadista americano, reverenciado como um dos Pais Fundadores dos Estados Unidos.

Amigos,

Quando contemplo os relatos de Gaza, meu coração se enche de tristeza, e meu espírito, de indignação. Aqui, não vemos a desgraça de um acidente, mas o plano cruel de homens: famílias famintas, não por falha da colheita, mas pelo fechamento calculado de portões; crianças esmagadas sob muros que desabam, não por tremores da terra, mas pelo trovão da artilharia; hospitais transformados em túmulos, escolas em cinzas, e lares em pó.

É este o fruto da civilização? São estes os avanços de um povo que reivindica a iluminação? Não — são a reversão nítida à barbárie, pintada com fogo e fome.

Pergunto-vos, que homem, se ainda conserva uma centelha de humanidade em seu peito, pode testemunhar tais atos e não sentir sua consciência recuar? Assassinar os inocentes é um crime que clama aos céus; fazê-lo em multidões é acumular pecado sobre pecado até que a própria terra geme sob o peso.

Às vezes, dizem-nos que essas coisas são necessárias, que são feitas em nome da segurança ou da razão de Estado. Falemos claramente: nenhuma segurança é comprada com o massacre de bebês; nenhuma razão de Estado pode justificar a tortura lenta da fome imposta aos indefesos. Tais argumentos são apenas capas da tirania.

Digo-vos, o silêncio diante de tal mal é, por si só, uma forma de culpa. Saber desses horrores e permanecer contente no conforto é participar deles. Nossa dever, como homens e mulheres que valorizam a virtude e prezam a liberdade, é erguer nossa voz, chamar a crueldade pelo seu verdadeiro nome e resistir com todas as nossas faculdades à propagação de tal desumanidade.

Pois o teste do nosso caráter, meus compatriotas, não está em como tratamos os poderosos, mas em como defendemos os fracos. E se falharmos agora, a história não nos absolverá; a posteridade não nos perdoará; e a própria Providência testemunhará contra nós.

Chefe Seattle

Chefe Seattle (1786–1866) foi um líder respeitado dos povos Duwamish e Suquamish no noroeste do Pacífico.

Minhas palavras são carregadas pelo vento, mas a tristeza que elas trazem é pesada. Ouço os gritos das crianças em Gaza. Suas vozes são frágeis pela fome. Seus olhos se apagam, embora sejam jovens. Vejo casas destruídas, escolas e hospitais reduzidos a pó. Vejo a terra manchada pela dor de mães e pais.

Essas coisas perfuram o coração de todo homem e mulher honesto. Ver os inocentes famintos é sentir uma ferida na própria carne. Ver o fogo cair sobre as moradias das famílias é saber que a promessa do mundo foi quebrada.

Primeiro vem a tristeza, como uma longa sombra que não se dissipa. Depois vem a raiva, como uma tempestade que se ergue do mar. Pois tal crueldade não é obra do Grande Espírito, nem da terra. É obra das mãos humanas. E o que é feito por mãos pode ser desfeito por mãos.

Desta tristeza e desta raiva vem um comando. Não é o comando de governantes, nem o comando de exércitos. É o comando do espírito que une toda a vida. Ele diz: isso não pode ser. Ele diz: o silêncio é consentimento, virar as costas é traição.

Todos os povos estão interligados, como fios em uma única veste. Se um fio é rasgado, toda a veste enfraquece. Se uma criança chora e ninguém responde, o coração de toda a humanidade diminui.

Portanto, digo: não desviem o olhar. Não virem seus rostos do sofrimento dos inocentes. Falem, ajam, fiquem ao lado dos quebrados, Pois somente ao defendê-los, defendemos a nós mesmos, E somente ao honrá-los, honramos o Grande Espírito da vida.

Abraham Lincoln

Abraham Lincoln foi o 16º Presidente dos Estados Unidos, um advogado autodidata e estadista que preservou a União durante a Guerra Civil, acabou com a escravidão com a Proclamação de Emancipação e tornou-se um símbolo duradouro de igualdade, justiça e determinação moral.

Meus amigos,

É uma verdade dura que enfrentamos — que, em nossa era, os gritos dos inocentes nos chegam de Gaza, onde a fome é imposta às crianças, onde as bombas da guerra caem não apenas sobre exércitos, mas sobre mães e filhos, pais e filhas, onde os lares dos pobres, as escolas dos jovens e os hospitais dos doentes são reduzidos a escombros. Esses não são os frutos da justiça; são as marcas da crueldade.

Nenhuma nação, nenhum povo, pode reivindicar retidão enquanto pisoteia a santidade da vida humana. Estamos todos ligados pela verdade evidente de que cada pessoa carrega a imagem do Todo-Poderoso, e ferir um injustamente é ferir a todos nós.

Não nos tornemos um povo de coração endurecido, que pode contemplar o sofrimento e ainda assim virar as costas. Sejamos, antes, um povo cuja consciência é despertada, que não pode ouvir sobre a fome de uma criança sem exigir pão para ela, que não pode ver a destruição de um lar sem exigir abrigo, que não pode assistir ao massacre de inocentes sem exigir paz.

O teste da nossa humanidade comum não está em se lamentamos pelos nossos, mas em se lamentamos por todos. Se quisermos caminhar na luz da justiça, devemos dizer com uma só voz: essas coisas devem cessar. O trabalho das bombas deve ceder ao trabalho da misericórdia, a mão que fere deve ceder à mão que cura.

O mundo pouco notará ou lembrará por muito tempo muitas de nossas palavras, mas nunca esquecerá o que permitimos ou proibimos diante de tal injustiça. Que sejamos encontrados fiéis, não no silêncio, mas no testemunho firme da dignidade de cada alma humana.

James Connolly

James Connolly foi um republicano irlandês, socialista e líder sindical que lutou pela classe trabalhadora e foi executado em 1916 por seu papel no Levante da Páscoa.

Camaradas!

Olhem para Gaza. Vejam as crianças famintas, as mães chorando, os pais cavando nos escombros pelos corpos quebrados de seus filhos e filhas. Isso não é guerra — é assassinato, puro e frio.

Eles bombardeiam as casas. Bombardeiam as escolas. Bombardeiam os hospitais. Chamam isso de segurança. Eu chamo de barbárie.

E o que faremos — ficar parados enquanto inocentes são massacrados? Ficar em silêncio enquanto os fortes esmagam os fracos? Permanecer em silêncio é estar ao lado do opressor. Falar, agir, resistir — esse é o dever de todo trabalhador honesto, de todo ser humano verdadeiro.

Os governantes do mundo justificam esse massacre. Eles o alimentam, o armam, o abençoam. Por quê? Porque lucram com isso. Porque as vidas dos pobres, seja em Dublin ou em Gaza, nada valem para os senhores do império.

Mas nós — nós que conhecemos a fome, que conhecemos a bota da tirania em nossos pescoços — não podemos virar as costas. O grito de Gaza é o nosso grito. Sua luta é a nossa luta. Seus mortos são lamentados por nós como se fossem nossos.

Que fique sabido: nenhuma bandeira, nenhum império, nenhum governo pode justificar o massacre de crianças. Nenhuma causa pode desculpar a fome de um povo. A própria humanidade exige revolta contra tais crimes!

Então, levantemos nossas vozes. Não demos descanso, paz ou cobertura àqueles que justificam o massacre. Declaremos que o sangue de Gaza clama, e não ficaremos em silêncio.

Enquanto uma criança passar fome sob cerco, nenhum de nós está livre. Enquanto bombas caírem sobre inocentes, a civilização é uma farsa. Nossa dever é claro: solidariedade com os oprimidos, resistência ao opressor, justiça para Gaza, justiça para todos.

Albert Einstein

Albert Einstein (1879–1955) foi um físico teórico nascido na Alemanha, laureado com o Nobel, e humanista declarado cuja genialidade científica reformulou a física moderna e cuja voz moral condenou o nacionalismo, o militarismo e a injustiça em todas as suas formas.

À Consciência da Humanidade,

Não posso permanecer em silêncio enquanto Gaza é reduzida a ruínas. Mais de sessenta mil homens, mulheres e crianças foram mortos. Famílias passam fome, hospitais são bombardeados, escolas e casas destruídas. Isso não é defesa. É aniquilação.

Décadas atrás, alertei que o uso do terror e o caminho do nacionalismo implacável destruiriam os fundamentos morais do povo judeu. Quando o massacre de Deir Yassin ocorreu, falei de “bandos terroristas” e do perigo que representavam. O que era então um aviso tornou-se agora uma realidade monstruosa: um estado que trava guerra contra toda uma população civil.

Falemos claramente. Impor fome às crianças, lançar explosivos sobre os indefesos, reduzir cidades a escombros — isso é barbárie. Desonra não apenas aqueles que o cometem, mas também aqueles que o justificam ou permanecem em silêncio.

A tradição judaica que reverencio ordena justiça, compaixão e reverência pela vida. O que está sendo feito em Gaza é o oposto: é uma traição a essa herança e coloca em risco a posição moral de toda a humanidade.

Apelo a cada pessoa de consciência: recuse a cumplicidade. Denuncie essa crueldade. Insista no fim da maquinaria da morte. O futuro não pode ser construído sobre os túmulos de inocentes.

Se falharmos em agir, o abismo que encaramos não será apenas de Gaza — será nosso.

Hannah Arendt

Hannah Arendt (1906–1975) foi uma filósofa política judaico-alemã, conhecida por suas análises de totalitarismo, poder e responsabilidade moral, e uma crítica feroz do sionismo e do nacionalismo.

O que nos confronta hoje não é uma tragédia no sentido antigo, onde o destino cego atinge igualmente os inocentes e os culpados. O que nos confronta é a imposição deliberada de miséria — fome usada como arma, bombas lançadas sobre casas, escolas e hospitais, comunidades inteiras reduzidas a escombros. Esses não são acidentes. São os resultados da vontade política, de homens e instituições que tomam decisões que extinguem vidas com pleno conhecimento do que estão fazendo.

Testemunhar tais atos e chamá-los de “segurança” ou “necessidade” é corromper a própria linguagem. As palavras são distorcidas até não servirem mais à verdade, tornando-se instrumentos de justificação. E com essa corrupção vem o perigo maior: que as pessoas, mesmo aquelas que sabem melhor, aprendam a olhar para o horror sem indignação e para a injustiça sem protesto.

Como judia, não posso deixar de ver a amarga ironia: um povo que já foi submetido à mais radical negação de sua humanidade agora tolera, até mesmo inflige, a destruição da existência de outro povo. Isso não é a realização da história judaica, mas sua traição. O sionismo prometeu um refúgio e uma renovação da vida política; em vez disso, produziu um aparelho de dominação que corrói o próprio terreno moral que afirma sustentar.

A consciência, se não foi silenciada, revolta-se contra isso. Ela exige que chamemos as coisas pelo seu nome: crianças famintas não são danos colaterais; o bombardeio de civis não é defesa; a obliteração dos meios de vida de um

povo não é sobrevivência. Concordar com essas mentiras é abandonar o vínculo humano que liga cada vida a todas as outras.

O que resta, então, é a exigência de responsabilidade. Não uma piedade sentimental, mas a recusa firme e intransigente de permitir que a barbárie se disfarce de razão de Estado. Somos responsáveis — cada um de nós — pelo que toleramos em nosso nome. E diante das ruínas de Gaza, deve-se dizer: basta.

Nelson Mandela

Nelson Mandela foi um lutador pela liberdade sul-africano, revolucionário anti-apartheid e o primeiro presidente negro do país, que se tornou um símbolo global de justiça, reconciliação e dignidade humana.

Meus irmãos e irmãs,

Há momentos na história em que o sofrimento dos outros nos chama com tal força que o silêncio se torna uma traição. A devastação em Gaza é um desses momentos. Vemos crianças famintas, não porque a natureza falhou, mas porque a comida é deliberadamente negada. Vemos casas, escolas e hospitais reduzidos a escombros, não por acidente, mas por design. Vemos famílias lamentando os mortos, perguntando-se se o amanhã também as levará.

Como sul-africanos, conhecemos essa história. Sabemos o que é ser dito que nossas vidas são descartáveis, que nossa humanidade pode ser pisoteada, que nossa dignidade pode ser arrancada. Por gerações, suportamos um sistema que nos declarava menos que humanos. No entanto, por meio da luta e da solidariedade de milhões ao redor do mundo, vencemos.

Por essa razão, reconhecemos na luta do povo palestino um eco da nossa própria. Sua dor nos é familiar. Sua opressão nos lembra nosso passado. E assim como o mundo esteve ao nosso lado, também devemos estar ao lado deles.

Devemos dizer sem hesitação: a segurança de um povo não pode ser comprada ao custo da destruição de outro povo. Nenhuma paz pode ser construída sobre os túmulos de crianças inocentes. Nenhuma liberdade é real se repousa sobre a negação do direito de outro de viver com dignidade.

A consciência do mundo está sendo testada hoje. Está sendo testada em cada bomba que cai sobre Gaza. Está sendo testada em cada criança que passa fome. Está sendo testada em cada voz que escolhe o silêncio em vez da verdade. E eu digo a vocês: não podemos falhar neste teste.

Sejamos claros: o povo palestino não está pedindo piedade. Eles estão exigindo justiça. Eles exigem o direito de viver livremente em sua própria terra, de criar seus filhos em segurança, de sonhar com um futuro marcado não

pelo medo, mas pela esperança. Esses não são privilégios. São os direitos inatos de todo ser humano.

Quando lutamos contra o apartheid, fomos sustentados pelo conhecimento de que a justiça pode ser adiada, mas não pode ser negada para sempre. A mesma verdade pertence ao povo palestino. Sua liberdade, embora oprimida hoje, está escrita no destino da humanidade.

E assim, apelo a todos os homens e mulheres decentes, em todas as terras e nações: não desviem os olhos. Não permitam que a indiferença endureça seus corações. Permaneçam firmes em solidariedade. Ergam suas vozes pela paz. Trabalhem incansavelmente pela justiça.

Pois até que o povo palestino esteja livre, nosso mundo permanecerá acorrentado. E até que cada criança, seja em Gaza ou em qualquer outro lugar, possa acordar para um dia de paz, nenhum de nós pode reivindicar ser plenamente livre.

Fidel Castro

Fidel Castro foi o líder revolucionário de Cuba que derrubou uma ditadura apoiada pelos EUA em 1959 e governou o país por quase cinco décadas, tornando-se um símbolo global do anti-imperialismo e da luta socialista.

Camaradas, irmãos e irmãs, cidadãos do mundo:

O que testemunhamos em Gaza não é guerra — é extermínio. Não é defesa — é barbárie. Crianças são famintas com残酷 calculada, famílias são esmagadas sob os escombros de suas próprias casas, escolas e hospitais são reduzidos a cinzas. Esses são crimes que ofendem não apenas a lei internacional, mas a própria consciência da humanidade.

Que tipo de civilização permite que crianças morram de fome enquanto armazéns estão cheios de comida? Que tipo de poder lança bombas sobre hospitais e ousa falar de justiça ou democracia? Esses atos desmascaram um império e seus cúmplices — eles nos mostram a fria maquinaria da dominação, despojada de qualquer disfarce.

Nós, que resistimos a bloqueios e invasões, conhecemos bem os métodos da arrogância imperial. Mas deixem-me dizer-lhes, nenhuma bomba, nenhuma fome, nenhum cerco pode apagar a dignidade de um povo que se recusa a se curvar. Gaza hoje não é apenas uma terra sob ataque; é o espelho que nos mostra a falência moral daqueles que afirmam governar o mundo.

E para aqueles que observam em silêncio, para aqueles governos que tremem diante do poder e não fazem nada: a história não os perdoará. O sangue dos inocentes clama mais alto que sua covardia.

Dizemos, com toda a força de nossas vozes e nossa convicção: Basta! O mundo deve se levantar. O cerco deve ser quebrado. Os bombardeios devem parar. Comida, remédios e vida devem entrar em Gaza, não morte e destruição.

Isso não é apenas o dever dos palestinos, dos árabes ou dos muçulmanos. É o dever de todo ser humano que ainda tem uma consciência. O dever de resistir, de denunciar, de exigir justiça até que as crianças de Gaza possam dormir sem medo, até que as mães não enterrem mais seus filhos, até que a humanidade possa se olhar no espelho sem vergonha.

Camaradas! Impérios caem. Bombas enferrujam. Mas o povo perdura.

Levantemos nossas vozes para que sejam ouvidas em todas as capitais: ¡Gaza vive! — Gaza vive! ¡Palestina resiste! — Palestina resiste! ¡E a humanidade vencerá! — E a humanidade vencerá!

Che Guevara

Che Guevara foi um revolucionário marxista argentino, líder guerrilheiro e anti-imperialista que se tornou um símbolo global de resistência contra a opressão e a injustiça.

Camaradas,

Quando um povo é faminto, quando bombas caem sobre suas casas, quando hospitais, escolas e os próprios abrigos da vida são reduzidos a cinzas, o mundo é forçado a se olhar no espelho. Em Gaza hoje, não vemos apenas uma guerra, mas um crime contra a própria humanidade. Crianças gritam com estômagos vazios enquanto os poderosos viram as costas. Famílias são despedaçadas sob o rugido de aviões, e bairros inteiros são apagados como se nunca tivessem existido.

Não podemos permitir que nossa consciência seja anestesiada pelas mentiras do império. Eles nos dizem que é “segurança”, dizem que é “necessidade”. Eu digo que é assassinato. Digo que é a arrogância daqueles que acreditam que algumas vidas valem mais que outras.

Permanecer em silêncio é tornar-se cúmplice. Desculpar essa barbárie é enterrar nossa própria humanidade. Cada bomba que cai em Gaza também cai sobre nossa dignidade como seres humanos. Cada criança faminta lá é uma ferida no coração de todos os povos que sonham com justiça.

Somos chamados, camaradas, não à piedade, mas à ação. Nossa solidariedade não deve ser apenas palavras, mas uma força que une os oprimidos, de Palestina a todos os cantos da terra. O sangue de Gaza clama por resistência, pela defesa incansável da vida contra a maquinaria da morte.

A história nos perguntará: onde estavam vocês quando Gaza estava em chamas? Ao lado dos carrascos — ou com o povo que lutou pelo seu direito de viver?

¡Até a vitória sempre!

Bobby Sands

Bobby Sands foi um jovem republicano irlandês, poeta e parlamentar eleito que morreu em uma greve de fome em 1981, após suportar prisão brutal para protestar contra o domínio britânico e a negação do status político aos prisioneiros irlandeses.

Eles fazem crianças passarem fome para quebrar o espírito de um povo. Lançam bombas sobre escolas e hospitais para reduzir a esperança a pó. Pensam que, destruindo casas e esmagando corpos, podem silenciar o clamor de uma nação por dignidade. Mas estão errados.

Cada criança faminta, cada família despedaçada, cada vida tomada em Gaza é uma ferida não apenas para aquela terra, mas para a consciência de toda a humanidade. Nenhum homem ou mulher honesto pode olhar para esse horror e não sentir tanto tristeza quanto raiva. Tristeza, porque a inocência está sendo massacrada. Raiva, porque a injustiça marcha sob a bandeira do poder.

Digo-vos, nenhum arame farpado, nenhuma bomba, nenhum cerco pode matar a verdade: o espírito de um povo não será extinto. Aqueles que cometem tal selvageria podem se imaginar poderosos, mas a história os lembra como covardes que travaram guerra contra crianças.

E assim surge a exigência — das ruínas, dos túmulos, das bocas famintas dos vivos: *basta*. Parem o massacre. Deixem Gaza viver.